



AS ATIVIDADES A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS: COMO ELABORAR

Autor: Mônica Farias de Vasconcelos Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

E-mail: monica06farias@gmail.com.

Co-autor: Maria Aparecida Alves da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

E-mail: mariaapalves16@gmail.com.

Orientador (a): Clara Regina Rodrigues de Souza

(UFCG/ POSLE/ UEPB)

E-mail: clararegina.r.s@gmail.com.

RESUMO:

Esse artigo apresenta uma reflexão sobre o papel do professor no tocante ao ensino dos gêneros textuais, e as implicações acerca das atividades de compreensão dos textos apresentados, bem como as propostas de escrita expostas no Livro Didático. Visa analisar se essas atividades, especialmente as que envolvem a prática da escrita, contemplam a concepção interacionista, que tende a provocar o aluno a posicionar-se criticamente e, possibilitá-lo a desenvolver uma escrita eficiente, discorrendo sobre o tema abordado. Para tanto, faz-se necessário considerar o que dizem os estudiosos do assunto, que nos advertem quanto aos riscos que algumas atividades apresentam, e nos fornecem pistas de como realizar essa tarefa. As observações fundamentam-se: Nas “concepções de escrita”, e nos “fatores construtivos dos textos”, de Geraldi (1993); Na “escrita na concepção escolar”, de Kleiman (2000); No “texto com ou sem atividade prévia”, de Sercundes (1997); Na “linguagem como instrumento de comunicação, e como o lugar de interação”, de Koch (2002); E no “papel da linguística na formação do professor de língua”, de Oliveira (2003). E finalmente, é apresentada uma proposta de ensino dos gêneros textuais, importante para a formação dos professores de língua.

Palavras-chave: gêneros textuais, concepção interacionista, formação de professores.



INTRODUÇÃO

Visando uma atenção maior no bom funcionamento de uma aula de português, o professor adquire uma preocupação a mais no exercício de sua profissão, especialmente no que tange ao ensino de gêneros textuais e suas respectivas formas de abordagem, frente às propostas de atividades, sobretudo no que se refere à prática de escrita em sala de aula.

Pretendendo favorecer uma interação maior entre o aluno (enquanto escritor), o texto e o leitor, sem que o aluno tenha a sensação de estar sendo em todo tempo avaliado, estudiosos do assunto, a exemplo de Geraldi (1993); Kleiman (2000); Sercundes (1997); Koch (2002) e Oliveira (2003) buscaram maneiras de amenizar a problemática da escrita de gêneros textuais na sala de aula e articularam planos para traçar o caminho que professores do ensino fundamental e médio poderiam percorrer, a fim de adquirirem estratégias para trabalhar com seus alunos.

A aproximação acontece no curso de um trabalho com o Livro Didático em sala de aula voltado ao propósito interacionista, em que instigue o aluno a refletir, posicionar-se criticamente ante uma temática, expor suas opiniões, revelar seu senso crítico e, por conseguinte, transformar-se em um aluno-escritor, mediante atividades que envolvam gêneros textuais e propostas de escrita.

Conforme GERALDI (1993, P. 135), existem duas concepções de escrita: uma que determina que se escreve “para a escola” e outra que se escreve “na escola”.

Quando um aluno escreve “para a escola”, ele escreve uma redação; está somente escrevendo para o professor, a fim de obter nota, ou cumprir uma tarefa. Já quando se escreve “na escola”, essa percepção permite ao aluno expor sua visão de mundo, sua concepção sobre o que se pede no texto, seus argumentos. Isso o ajudará na produção de outros textos e na sua própria reescrita, uma vez que o fará com mais liberdade e segurança.

Paralelo a esse pensamento discorre KLEIMAN (2000, P. 70), quando diz que a “concepção escolar” vê a escrita como “um conjunto de atividades para o domínio do código”. Sob essa concepção, outros teóricos se debruçaram para advertir sobre os riscos de atividades que se encaminham para tais características. Tais estudiosos compreendem a prática de escrita na escola como o fundamento para o sucesso dessas construções de pensamentos, de ideologia e de expressões tão individuais que nossos alunos possuem.

Os teóricos advertem que se faz necessário observar os fatores construtivos dos textos: “O conteúdo (que se tenha o que dizer); O objetivo (uma razão para se dizer o que se tem a dizer); E o leitor (que se tenha para quem dizer)”. (GERALDI, 1993).

SERCUNDES (1997) chama a atenção para a escrita “sem atividade prévia”, ou seja, o texto não tem ligação com nenhum trabalho anterior ou posterior. E sugere a escrita “com atividade prévia”, em que o professor traz para a sala de aula outros textos que podem se relacionar com o tema discutido.

KOCH (2002, p. 16) acrescenta: “quando há o uso da linguagem como instrumento de comunicação, o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor, bastando a este, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito (...) o papel de decodificar é passivo”. É na escola que encontramos o ambiente favorável à aproximação dos alunos com diversos textos, autores e, sobretudo, com sua própria imaginação. Segundo KOCH (2002, p. 17) “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos...”. O texto toma o lugar de interação entre o professor e o aluno, uma vez que o aluno, de posse da oportunidade de expor seus pensamentos e argumentar sobre estes, se posiciona criticamente, de maneira a interagirem e trocarem informações mutuamente.

Dessa forma, podemos considerar a possibilidade de se trabalhar diversos gêneros textuais, sem abrir mão de trabalhar o propósito sociocomunicativo da linguagem, o senso crítico do aluno e a possibilidade de trazer sempre o “novo”, sem prender-se somente ao Livro Didático, mas também, oferecendo a oportunidade aos alunos, de terem contato com textos diversos, possibilitando a estes uma maior liberdade na hora de praticar a atividade escrita proposta. Ao mesmo tempo em que o professor leve em consideração as limitações dos alunos no tocante à imaturidade na prática de escrita e ofereça a oportunidade de reescrever seu texto, como uma oportunidade de torná-los “bons escritores”.

Considerando essas reflexões, este trabalho segue uma concepção sociointeracionista de ensino/aprendizagem e tem como objeto de análise o livro didático Português - Literatura - Gramática - Produção de Texto - Volume Único - (SARMENTO; TUFANO, 2004).



Parte-se da premissa de que para se criar um aluno escritor, é preciso instigá-lo à prática da leitura, colocando-o em contato com diversos gêneros textuais e levando-o a observar sua intencionalidade, a fim de tornar a prática da escrita um elo sociocomunicativo.

O trabalho é fruto de discussões e análises de materiais didáticos realizadas na disciplina Leitura e Texto II e objetiva, de modo geral: refletir sobre como podemos trabalhar determinado gênero textual, a partir de textos apresentados nos Livros didáticos. De modo específico, objetiva-se observar as atividades de escrita a partir do gênero Crônica e verificar como o ensino de Língua Portuguesa pode ser trabalhado por meio da escrita de gêneros textuais. Justifica-se pela defesa de um ensino com propósito sociocomunicativo de escrita, que contemple uma situação interacional, promovendo aos alunos o contato com práticas de escrita e reescrita, por meio de gêneros textuais diversos.

METODOLOGIA TEÓRICA E CONCEITUAL

O Livro Didático de Português do Ensino Fundamental da autora LEILA LAUAR SARMENTO (2009), Volume 7, é uma coleção de 4 volumes, destinado aos alunos do Ensino Fundamental, que compreendem as séries do 6º ao 9º anos.

O LD contém 344 páginas, desde a sua apresentação até as referências bibliográficas, e organiza-se em três seções: Literatura, Gramática e Produção Textual. E traz os seguintes gêneros textuais: Crônica Argumentativa, Conto, Fábula, Discurso, Carta do leitor, Notícia, Reportagem, entre outros.

Dentre os quais, o presente trabalho prioriza o gênero Crônica, uma vez que se trata de um potente instrumento de interação entre leitor e escritor de jornais e revistas, favorecendo uma reflexão e argumentação para quem o escreve.

Ao apresentar o Gênero Crônica, no Capítulo 2, página 50, a autora faz uma breve exposição do texto a ser lido, no tópico intitulado: “Sobre o texto 1”, com uma breve bibliografia da autora. Nessa breve explanação, a autora explica a estrutura composicional do gênero crônica. Em seguida, introduz o Texto 1 “Arte de ser feliz”, de Cecília Meireles (p.51).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando a forma como o gênero crônica é aplicado nas atividades que analisamos, podemos perceber que passa de largo da perspectiva sociointeracionista. O gênero é trabalhado por meio de atividades de análise linguística, observando-se os aspectos lingüísticos, que colocam o gênero-modelo como pretexto para o ensino e a aprendizagem de gramática. Estas observações são depreendidas da seguinte atividade:

Palavras e significados

▶ Escreva no caderno sinônimos para as palavras em destaque.

a) “No canal **oscilava** um barco.”
Dalçava.

b) “[...] faziam com as mãos **arabescos** tão compreensíveis [...]”
Rabiscos (no caso, os rabiscos eram “traçados” no ar).

c) “[...] imaginava os assuntos e suas **peripécias** [...]”
Acontecimentos de uma narrativa.

d) “[...] era uma espécie de **aspersão ritual** [...]”
Aspersão é o ato de borrifar um líquido; no texto, aspersão ritual seria uma espécie de cerimônia em que se borra algo.

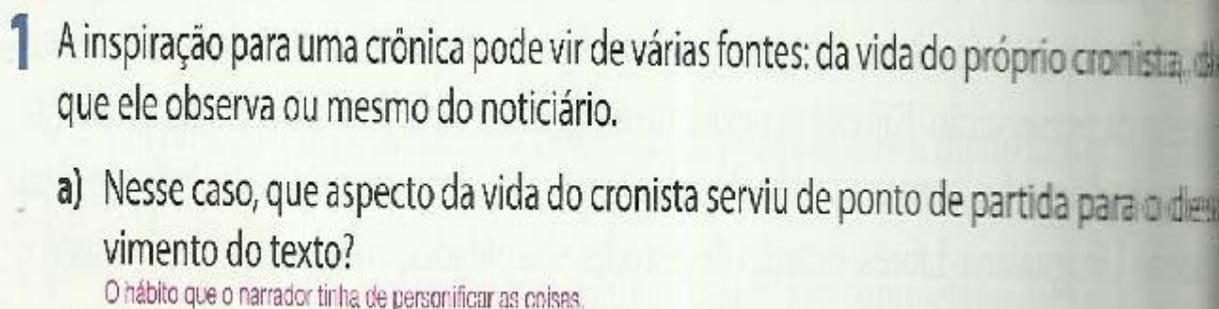
FIGUEIRA GUZZELL

A atividade não contribui para a interacionalidade pretendida. Ao contrário, é de caráter decodificador, limitando o aluno a uma análise de palavras soltas, frases fragmentadas. Perde-se a oportunidade de levar o aluno a uma reflexão sobre o que o texto trata.

A referida atividade desfavorece a necessária apropriação do gênero textual crônica, a fim de favorecer ao aluno a produção do referido gênero. Diante do exposto, acaba-se dificultando o papel do professor de português de desenvolver a habilidade de escrita em sala de aula e multiplica-se a sua responsabilidade quanto ao funcionamento de sua aula, uma vez que é dele o papel de incitar a interação entre o aluno e o texto, por meio do Livro Didático. Para tanto, faz-se necessário que o professor discuta o significado das palavras no momento da leitura do texto, voltando-se para o sentido proposto pelo próprio texto, sem perder a essência, sem fragmentá-lo.

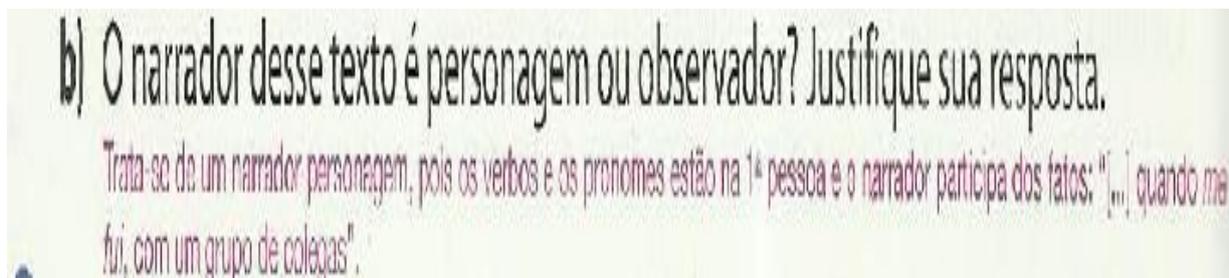
O professor também poderá inserir outros textos que expressem o mesmo sentido, a mesma temática. Assim, o aluno entrará em contato com outros gêneros textuais, a exemplo de poemas, letras de músicas, tornando a aula mais agradável e facilitando a interação do aluno com diversos textos, conforme Sercundes (1997), que sugere a escrita “com atividade prévia”, em que o professor acrescenta outros textos que se relacionem com o tema discutido.

Identificamos na sessão *Produzindo*, nas páginas 55 e 56, atividades de produção de texto a partir de uma breve contextualização do gênero Crônica, seguida de um texto base (Coisas & pessoas, de Mário Quintana), e logo em seguida, uma atividade de interpretação do texto (Questão 1, letra a), que leva o aluno a perceber que aspecto da vida do cronista serviu como ponto de partida para a construção da Crônica.



A atividade favorece o propósito interacional almejado, uma vez que o aluno deverá identificar como o cronista se posiciona no texto.

Na atividade seguinte (letra b da mesma questão), a autora sugere uma análise no tocante ao elemento de uma narrativa, que no caso, é o narrador, o que leva o aluno a identificá-lo no texto, por meio das colocações em 1ª ou 3ª pessoas. Para isso, o professor deverá ter apresentado os elementos constitutivos do gênero Crônica.



Na sessão *Você é o autor*, na página 57, a autora apresenta duas propostas de produção textual. Na primeira proposta o aluno poderia escolher entre oito temas sugeridos para escrever seu texto. Depois de concluída a parte escrita, os alunos trocariam seu texto com um colega e um observaria o texto do outro, pontuando suas considerações, a fim de que fossem corrigidas posteriormente. Após essa etapa, o texto deveria ser afixado em um mural, para que outros alunos pudessem ler e “trocar idéias”.

1ª proposta

Conte um fato curioso vivido por você ou por conhecidos,
ou ainda se baseie numa destas sugestões:

- um assalto no supermercado;
- um encontro que o tornou feliz;
- um mendigo sentado na calçada;
- um vendedor à beira de um colapso;
- uma tarde no *shopping*;
- o cotidiano de um motorista;
- o menino no sinal de trânsito;
- o *show* numa praça da cidade.

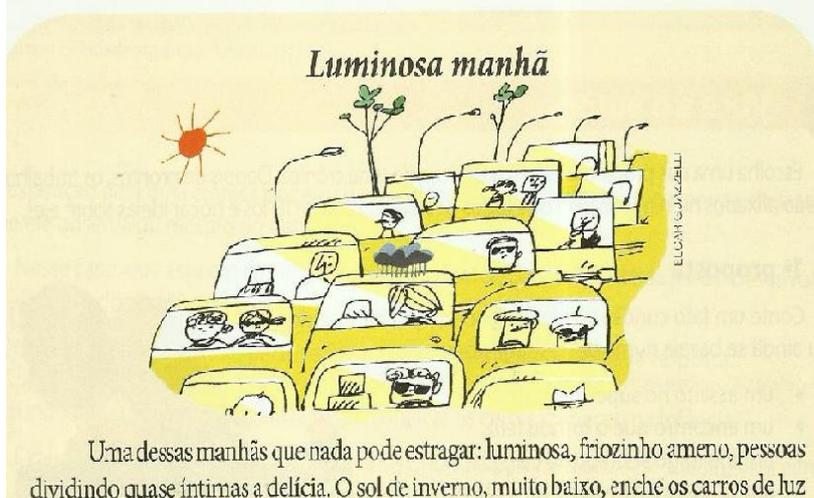


Essa atividade favorece a escrita, porque através da escolha do tema, o aluno começa a se envolver consigo mesmo, construindo seu texto dentro de seu conhecimento prévio. Dessa forma, o texto é trabalhado sob a perspectiva de Geraldi (1993), em que o texto tenha o que dizer (o conteúdo); Uma razão para se dizer o que se tem a dizer (o objetivo); E que se tenha para quem dizer (quem irá ler o texto)”; além de trabalhar com a reescrita, importante para o amadurecimento dessa prática e para a quebra de barreiras que impedem nossos alunos de se tornarem bons escritores.

A segunda proposta envolve uma introdução de uma crônica e a proposta para essa atividade estaria na continuidade do texto, narrado em 1ª pessoa.

2ª proposta

Leia o início de uma crônica e depois lhe dê continuidade.



Esse tipo de abordagem possui um caráter interacionista, uma vez que provoca ao aluno à imaginação, à criatividade, levando-o a construir um desfecho final para a história, dentro do seu domínio cognitivo, permitindo-o escrever conforme suas ideologias. Nesse caso, o aluno tenderá a escrever mais “na escola”, do que “para a escola”, segundo pontua Geraldi (1993). Ou seja, “na escola” o aluno escreve conforme seu entendimento, podendo posicionar-se criticamente ante uma temática. Já “para a escola” o aluno escreve meramente por obrigação, para obter uma determinada nota.

Cabe ao professor buscar mecanismos que tornem suas aulas mais dinâmicas e interativas.

CONCLUSÕES

A maneira com que o gênero crônica é tratado nas atividades que analisamos, em parte contribui, em parte dificulta no ensino pautado na perspectiva interativa de escrita.

Contribui no sentido das propostas em que dão os alunos a liberdade de expor seus pensamentos sobre os temas apresentados. Dificulta em relação à sequência organizada do Livro Didático, uma vez que fragmentando textos, fragmenta-se também a interação necessária para uma aula produtiva, que leve o aluno ao desejo de escrever, de expor seus pensamentos.

Algumas atividades analisadas alcançam o que os teóricos defendem na interatividade com o aluno, quando solicitam sua opinião acerca de uma temática, ou quando propõem a escrita de um texto em que ele exponha suas idéias, seus pensamentos. Outras não alcançam tais objetivos, a exemplo das atividades de decodificação, em que o texto é usado como pretexto para estudar a gramática normativa da língua.

Quanto à abordagem do gênero, a autora o faz de forma superficial, através de um conceito resumido, complicando a sequência que professor deverá seguir para apresentar o gênero, uma vez que não se faz por meio de análise das partes constituintes do gênero.

Desse modo, podemos concluir que as atividades analisadas cumpriram em parte, com o objetivo proposto, ou seja, o ensino pautado no aspecto sociocomunicativo de escrita, a importância de uma situação de interação, onde os alunos usufruam da prática de escrita através dos mais diversos gêneros textuais. Ao contrário, o gênero é trabalhado individualmente, sem o uso de outros textos que motivem a reflexão das idéias presentes nele.



Diante dessas observações podemos concluir que o professor precisará recorrer a outros textos, outras didáticas que facilitem a compreensão dos alunos na construção do gênero apresentado. Desse modo, multiplica-se a responsabilidade do professor no seu papel de mediador entre o texto e o aluno. E mais ainda, na elaboração das atividades, especialmente as que envolvem a escrita e reescrita, e conseqüentemente, a avaliação dessas atividades.

Pois cada aluno é um mundo de ideias, um ser pensante; Não uma folha em branco, uma lacuna em que acrescentamos o que queremos e pronto!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

KLEIMAN, A. B. **Concepção da escrita na escola e formação do professor**. In: VALENTE, A. (Org.) **Aulas de português: perspectivas inovadoras**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes. 2000. P. 67-82.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Sheila Elias. **Dicionário, discurso e ensino**. In: Anais da Semana de Letras 2003: O ensino das Letras: a prática em questão. Guarapuava, DELET/Editora da Unicentro, p.91-99, 2003.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português. Literatura. Gramática. Produção de Textos**. 7º ano. Moderna. São Paulo, 2004.

SERCUNDES, M. M. I. **Ensinando a escrever**. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (orgs). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. Vol.1. São Paulo: Cortez. 1997, p. 75-97.